

Ciclo de Estudos – A Identidade do Poder Religioso: cores, símbolos, emoções. 19ª Semana Cultural da Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 22 de março de 2017

No marco das celebrações do 727º aniversário da Universidade de Coimbra, a 19ª edição da Semana Cultural escolheu, como argumento do ano de 2017, uma temática muito debatida nos últimos decénios pelas ciências sociais, mais precisamente a questão da identidade, colocando a seguinte pergunta: *Quem Somos?*

Um momento de festa, claro, mas simultaneamente de profundo questionamento, assim como de reflexão pela dupla coincidência gráfica que marcou o ano de 2017, tanto na fórmula numeral, como na verbal. De facto, para além do número capicua, correspondem dois palíndromos, nomeadamente 727 e SOMOS, fórmulas gráficas que se podem ler pelos dois versos, mas sem se alterar o significado de origem do lema. Traços marcantes do cartão de identidade da Universidade de Coimbra, das suas componentes de longa duração, dos seus recursos humanos e patrimoniais, de muitos elementos básicos, quer ao nível individual, quer coletivo, dessa fortaleza do conhecimento português, europeu e não só. Um baluarte sólido apesar das pesadas cronologias, e que, *mutatis mutandis*, se propõe difundir a língua e a cultura lusas através de neo-amanuenses eruditos e pacientes; disseminar valores ou saberes que nessa antiga Universidade europeia tiveram um estimulante viveiro; irradiar novas fórmulas científicas em distintos territórios de ultramar, abrangendo – desde o Atlântico ao Pacífico – outros espaços oceânicos ou terrestres, de um mundo global *ante literam*.

O CHSC, os seus membros e as unidades de I&D sediadas na Universidade de Coimbra responderam ativamente a esse desafiante convite ao longo da sua extensa calendarização (1 de março – 28 de abril 2017) com distintas propostas científicas, como seminários, ciclos de estudos, outros momentos de debate ou de conhecimentos partilhados. E ainda com outras situações performativas realizadas a partir da colaboração entre unidades de investigação da UC, assim como com outras Universidades portuguesas ou estrangeiras, e cuja consumação teve lugar em múltiplos espaços da Atenas portuguesa, como o Arquivo da Universidade de Coimbra, a Faculdade de Letras e o Museu da Ciência.

O Ciclo de Estudos *A Identidade do Poder Religioso: cores, símbolos, emoções*, realizado na Faculdade de Letras, na tarde do dia 22 de março, teve como quadro de referência esse âmbito comemorativo e temático. Através da con-

tribuição de professores da FLUC e investigadores do CHSC pretendeu-se corresponder aos propósitos e à questão colocada pela 19ª Semana Cultural. Em particular, procurou-se problematizar o "Poder religioso", descodificando os seus elementos materiais/imateriais, estéticos, emocionais e até cromáticos. Uma proposta que pressupunha uma perspetiva metodológica que conciliava a história das instituições da Igreja com a análise das expressões artísticas, simbólicas ou iconográficas na esfera da religião. Visou-se analisar o caso português, tomando como base de estudo formas de poder religioso na Universidade de Coimbra, num confronto com outras expressões de autoridade, civis e eclesiásticas, desenvolvidas nos rituais do espaço urbano/diocesano/metropolitano conimbricense.

Ambicionando uma metodologia interdisciplinar, e sem descurar aspetos didáticos ou pedagógicos, o ciclo de estudos dirigiu-se a um público de alunos e professores, seguindo os seguintes vetores de análise: *Os autos da fé inquisitoriais em Coimbra* (José Pedro Paiva, FLUC/CHSC/CEHR); *A Procissão na Cidade* (Saul Gomes, FLUC/CHSC/CEHR); *Selos e escudos de armas: símbolos identitários e do poder religioso* (Maria Rosário Morujão, FLUC/CHSC/CEHR), «*Com grande solenidade & muitas lágrimas*»: ênfase litúrgica do poder e da jurisdição episcopal, séc. XVI-XVIII (Paola Nestola, CHSC).

As duas sessões foram moderadas pelos Professores Doutores Isabel Ferreira da Mota (FLUC/CHSC) e Jaime Gouveia (CHSC/CHAM), que também animaram os debates. Abriu essa iniciativa científica a sua coordenadora, Doutora Paola Nestola (CHSC), dando as boas-vindas e agradecendo aos intervenientes e ao público presente; prosseguiu-se com a intervenção da Coordenadora Científica do CHSC, Professora Doutora Irene Vaquinhas, que enquadrou este encontro nas linhas estratégicas da unidade I&D; finalizou-se com as palavras desafiantes do Diretor da FLUC, Professor Doutor José Pedro Paiva.

Coimbra foi o principal foco urbano e sócio-cultural das comunicações apresentadas, cujas trajetórias se caracterizaram pelo recurso a metodologias complementares da história institucional, como a topografia, a iconografia, a iconologia, a etimologia, a esfragística. Deu-se prioridade a arcos cronológicos amplos, como o período 1567-1781, balizas cronológicas que marcaram, por um lado, a encenação do primeiro auto da fé da Inquisição de Coimbra (5 de outubro); por outro, o seu epílogo, com a atividade performativa ou morfológica de um tribunal em declínio – até considerado “moribundo” – e, contudo, visto muito ativo conforme as polémicas gravuras dos artistas protestantes. Para além desse tema, abordaram-se ainda factos e conjunturas específicas, como as procissões disciplinadas pelo bispo de Coimbra, D. Afonso

de Castelo Branco (1585-1615), no ano de 1591. Privilegiando a análise de permanências ou de mudanças, incidiu-se na consideração de aspetos e expressões da autoridade de épocas antigas, tomando como casos representativos exemplos das civilizações mesopotâmicas, ou de selos produzidos pela cúria papal romana na época medieval, e com exemplos portugueses. Entre esta tipologia de expressão de poder, destaca-se o manufacto lapídeo ou o azulejar das armas do bispo D. Jorge de Almeida, nas primeiras décadas do século XVI. Finalmente, prosseguiu-se com outras formas de manifestações e consagração do poder religioso, como as liturgias episcopais celebradas ao longo dos séculos XVI-XVIII, em conjunturas específicas da história político-confessional portuguesa, em particular durante a monarquia dos Áustria. Nesse quadro, analisaram-se algumas fases significativas da cerimónia de entrada em Braga, em 1589, do arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus (1588-1609).

Os percursos circulares, longilíneos ou bustrofélicos traçados pelos rituais religiosos, encenados de acordo com ciclos diurnos ou noturnos e entre espaços terrestres ou líquidos (como o cenário do rio Mondego, no caso das execuções inquisitoriais), tiveram a cidade de Coimbra, a sua Universidade e os seus homens como núcleo central do poder religioso e da sua elaboração, atingindo também contextos jurisdicionais e territoriais do Império português onde, ainda hoje, se guardam preciosos testemunhos.

Um património identitário do qual somos herdeiros e, ao mesmo tempo, que devemos ou podemos preservar. Implicando uma descodificação da linguagem verbal ou gráfica, todas essas dinâmicas constituem um ambicioso desafio de estudo pelas linhas de pesquisa do CHSC, e uma aliciante oportunidade de divulgação científica entre o público académico e a sociedade em geral.

PAOLA NESTOLA
CHSC – U. Coimbra
nestolap@gmail.com